

A CASA TOMBADA

**CAROLINA MAIA LACOMBE
LUCIANA TOMIATTO DE OLIVEIRA**

**FORMAÇÃO DE PROFESSORES MEDIADORES DE RODA DE CONVERSA:
RELATO DE EXPERIÊNCIA**

**SÃO PAULO
2022**

SUMÁRIO

1. APRESENTAÇÃO.....	7
2. INTRODUÇÃO.....	8
3. PERCURSO DE FORMAÇÃO.....	11
4. UMA NOVA RODA DE CONVERSA.....	21
5. CONQUISTAS.....	24
6. DAQUI PRA FRENTE... ..	25
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	27

VERBO

Degustar estrelas. Jardinar segredos. Beber tristezas. Serrar a tarde. Fechar a verdade. Cartografar perdas. Escavar nuvens. Trincar sonhos. Desarrumar paisagens. Soprar o sim. Anular o não. Desanoitecer. Acender a escuridão. Sobrevoar o esquecimento. Dessubstantivar-se.

A vida inteira tentando se ancorar nas palavras para que seu veleiro, fadado ao naufrágio, avance mais uma onda no alto-mar - da existência.

João Anzanello Carrascoza

1. APRESENTAÇÃO

*“Me movo como educador, por que,
primeiro, me movo como gente.”*

Paulo Freire

Escolher a educação como trajetória de vida é entender-se como agente transformador da sociedade e responsabilizar-se por isso. É mover-se por uma paixão, sim, mas paixão pelo quê?

No ano de 2016, encontramos-nos no processo de formação de professores para a abertura de uma nova unidade de uma escola da rede particular, de mais de 40 anos, da zona sul da cidade de São Paulo.

Luciana, Coordenadora Pedagógica de Língua Portuguesa, formada em Pedagogia e especialista em Língua Portuguesa, trabalhava, então, coordenando, junto com outros educadores, a implementação desse projeto. Na mesma escola desde 2004, fazia e segue fazendo de sua trajetória como professora a base para sua própria construção como coordenadora.

Carolina, professora de Educação Infantil, formada em 1999, voltava à mesma instituição depois de 4 anos e meio fora, trazendo em sua bagagem novas experiências vividas em outras instituições e a disposição para ajudar a concretizar esse novo projeto.

Trabalhamos juntas desde então, ainda mais parceiras a partir de 2018, ano em que Carolina assumiu a Coordenação Educacional de Infantil 5, último ano da Educação Infantil.

Nessa instituição, formamo-nos como profissionais porque, primeiro, movemo-nos como gente. Seguimos movidas pela responsabilidade e pela tal paixão. Paixão pela descoberta, pela aprendizagem, pela possibilidade de contribuir. Paixão pela intenção de possibilitar mudanças. Paixão de mover e nos mover.

Trabalhamos e seguimos trabalhando como parceiras que coordenam um mesmo grupo de professoras, com olhares complementares para a formação dessa equipe e para o desenvolvimento dos alunos.

2. INTRODUÇÃO

Linguagem é a capacidade que os seres humanos têm para produzir, desenvolver e compreender a língua e outras manifestações.

Compreendemos os seres humanos como seres de linguagem, esta vista em sua integralidade a partir de uma concepção sociointeracionista, que carrega, entre suas principais marcas, o dialogismo.

Se o ser humano é composto e compõe, ao mesmo tempo, seu tempo e espaço, podemos compreender que o faz por meio da linguagem. Sendo assim, é a linguagem o elemento que medeia a relação do ser humano com o mundo.

(...) a linguagem atua no meio do plurilinguismo real, na medida em que ela é viva, está em constante desenvolvimento e evolução histórica, é 'ideologicamente saturada' e carrega uma pluralidade de concepções de mundo e diferentes conteúdos semânticos, ideológicos e axiológicos. (Alessi, 2014)

Todo ser humano está inserido em um espaço de cultura. Sendo assim, a forma como se comunica também está ancorada nessa cultura e essa comunicação só se concretiza na interação com o outro, situação em que cada um dos interlocutores carrega sua bagagem ideológica e manifesta-a por meio da linguagem.

Para Bakhtin (2002), a existência da palavra está ligada a uma realidade social, ou seja, fora do contexto ela apenas pode ser analisada pela perspectiva lógico-gramatical, mas é destituída de sentido. Em sua perspectiva dialógica, um falante orienta e constitui sua fala em situações reais de interação, portanto, a partir de um interlocutor. É na situação dialógica que a linguagem se concretiza e, por meio dela, o ser humano manifesta seus valores, explicitando sua visão de mundo e sua própria subjetividade.

Paulo Freire também aborda o dialogismo em sua teoria.

"(...) o diálogo é uma exigência existencial. E, se ele é o encontro em que se solidarizam o refletir e o agir de seus sujeitos endereçados ao mundo a ser transformado e humanizado, não pode reduzir-se a um ato de depositar ideias de um sujeito no outro, nem tampouco tornar-se simples troca de ideias a serem consumidas pelos permutantes. (...) É um ato de criação. Daí que não possa ser manhoso instrumento de que lance mão um sujeito para a conquista

do outro. A conquista implícita no diálogo é a do mundo pelos sujeitos dialógicos, não a de um pelo outro" (Freire, 2010).

Se consideramos que apenas depositar as ideias de um sujeito no outro não constitui uma situação de diálogo, compreendemos que, entre os interlocutores, a mesma importância deve se dar à fala e à escuta.

Cecilia Bajour, ao analisar situações de roda literária, em que se discutem interpretações e sentidos atribuídos por diferentes leitores a uma gama de textos, reforça a importância do papel da escuta de uma forma que pode ser transferida para qualquer situação dialógica. Para Bajour, é preciso haver disposição para a escuta, inclusive para ouvir o que está nas entrelinhas.

Escutar, assim como ler, tem que ver, porém, com a vontade e a disposição para aceitar e apreciar a palavra dos outros em toda sua complexidade, isto é, não só aquilo que esperamos, que nos tranquiliza ou coincide com nossos sentidos, mas também o que diverge de nossas interpretações ou visões de mundo. A escuta não resulta da manifestação coletiva do dizer de cada um. (...) Escutar para reafirmar uma verdade que só olha para si mesma a espera a palavra do outro somente para enaltecer a própria palavra é a antítese do diálogo (...) (Bajour, 2012)

Dessa forma, Bajour afirma que a escuta é fundamentalmente uma atitude ideológica, que parte do compromisso da valorização do lugar conferido a cada um dos interlocutores de uma situação dialógica.

Entendemos que a capacidade do ser humano de se comunicar oralmente é inata, biológica, mas a forma como essa comunicação acontece é cultural. Sendo assim, pode ser ensinada e aprendida intencionalmente. Considerando a sociedade em que estamos inseridos, uma das responsáveis por esse desenvolvimento intencional da linguagem oral é a escola. Compor um currículo voltado ao desenvolvimento da linguagem oral traz a necessidade de pensar em diferentes oportunidades e estratégias em que essa oralidade seja desenvolvida. Compreendendo que a comunicação se dá na interação e que, portanto, o papel do outro em sua atitude responsiva é fundamental para que essa comunicação se concretize (BAKHTIN, 1997), uma das estratégias didáticas que podem compor um currículo de Educação Infantil é a Roda de Conversa.

Compreendemos como Roda de Conversa uma situação em que, além do assunto que está sendo tratado, a própria conversa é conteúdo de aprendizagem. Conversa-se para aprender a conversar, trazendo para esse momento, além da oportunidade do desenvolvimento da linguagem e da escuta, todos os comportamentos que fazem parte desse momento de interação, como ouvir o outro atentamente e voltando o olhar para quem está falando, aguardar a troca de turnos da fala, saber ocupar seu lugar na interação, entre outros.

Uma escola que tem, em seu projeto pedagógico, o desenvolvimento da linguagem oral como um dos principais objetivos da Educação Infantil compreende que esse desenvolvimento da oralidade tem no professor uma figura fundamental, pois é ele o mediador dessa prática que é, em essência, dialógica.

(...) instrumental importante do educador é o ver, o escutar e o falar. Assim como para estar vivo não basta só o coração batendo, para ver não basta estar de olhos abertos. A observação faz parte da aprendizagem do olhar, que é uma ação altamente movimentada e reflexiva. Ver é buscar, tentar compreender, ter desejos. Através do seu olhar o educador também lança seus desejos para o outro. Para escutar, não basta também, só ter ouvidos. Escutar envolve receber o ponto de vista do outro, abrir-se para o entendimento da sua hipótese, identificar-se com sua hipótese para a compreensão do desejo. Para falar, não basta ter boca, é necessário ter um desejo para comunicar; pois todo o desejo pede, busca comunicação com o outro (FREIRE, 1996)

Por compreender a importância da Roda de Conversa no desenvolvimento da oralidade e do papel do professor como mediador dessa construção, este trabalho traz o relato de um percurso, realizado com professoras do último ano da Educação Infantil de uma escola particular da zona sul do município de São Paulo, para a formação de mediadoras de Roda de Conversa.

3. PERCURSO DE FORMAÇÃO

Dada a importância da Roda de Conversa em nosso currículo, os professores planejam esse momento antecipadamente, pensando em seu grupo, nos objetivos a serem desenvolvidos, em temas que propiciem esse diálogo e em disparadores para esse momento, sejam eles uma imagem, um livro, um vídeo ou até mesmo um objeto. A coordenação, com um olhar parceiro e formador para o professor e para a equipe, lê antecipadamente esse planejamento, comenta, levanta pontos e discute as escolhas, sempre que necessário. Ao perceber algum ponto a ser desenvolvido, propõe formações coletivas para a equipe ou ações pontuais para determinado profissional.

Refletir sobre a prática, dialogando com a equipe, faz parte da cultura da instituição, assim como observar aulas e estar próximo dos professores e alunos. E foi lendo os planejamentos e assistindo às Rodas de Conversas que começamos a nossa investigação.

Diante de uma equipe recém formada, com profissionais com experiências distintas, sentimos a necessidade de refletir sobre a prática da Roda de Conversa, de forma a alinhar o nosso trabalho, instrumentalizá-lo, refletir sobre nossa ação, trocar experiências e aprender com os pares.

Constatada essa necessidade, nossa primeira ação foi convidar os professores para a reflexão. Iniciamos o primeiro encontro com três perguntas: "*O que é uma Roda de Conversa?*", "*Toda roda em que se conversa é uma Roda de Conversa?*" e "*O que diferencia uma Roda de Conversa de outras rodas?*". Diante dessas questões, pedimos para que a equipe se dividisse em trios para, em um primeiro momento, refletir sobre as perguntas e, depois, compartilhar suas reflexões com o restante do grupo.

Retornando para o grande grupo, os trios começaram a discutir sobre a primeira pergunta - *O que é uma Roda de Conversa?* - e nós assumimos o papel de mediadoras dessa conversa. As primeiras contribuições trazidas pelos grupos foram:

Grupo 1: "*É um contexto de comunicação.*"

Grupo 2: "*Que tem como objetivo a conversa.*"

Grupo 3: *"A Roda de Conversa tem uma organização do corpo, todos sentam em roda."*

Grupo 2: *"Existe uma alternância de fala, enquanto um fala os outros escutam."*

Grupo 3: *"A Roda de Conversa tem o objetivo de exercitar a conversa. Tem um tema sem resposta única."*

Grupo 1: *"A Roda de Conversa tem alguns critérios, todos conversam sobre um tema gerador da discussão. A conversa não é centralizada no professor, ele é o mediador e ajuda nessa troca."*

Grupo 4: *"Nessa conversa existe uma troca de turnos de fala e no início as crianças sinalizam levantando a mão."*

Grupo 2: *"Se a Roda de Conversa ensina a conversar, não é toda roda com conversa que é uma Roda de Conversa. Em uma Roda de Conversa o assunto gira em torno do tema que pode puxar outro."*

Grupo 2: *"Na roda com conversa, cada um fala sobre o que quer contar e nem sempre há uma continuidade do assunto."*

Grupo 3: *"Nós nos perguntamos se para falar eu preciso levantar a mão e esperar a sinalização do professor. Às vezes as crianças já conseguem alternar a fala e um completa a fala do outro. O que espera de mão levantada às vezes perde a fala."*

Grupo 1: *"No início, é necessário, organizador para eles. Ainda é difícil para eles se autorregular"*

Ao longo da conversa, discutimos brevemente todas as perguntas, acolhemos as dúvidas e propusemos pequenas reflexões iniciais sobre as respostas trazidas pelos grupos acerca da Roda de Conversa.

Na etapa seguinte do nosso processo formativo, voltamos o olhar aos alunos da faixa etária daquele grupo de professoras para definir, então, quais são as expectativas de aprendizagem que queremos desenvolver com alunos de 5 e 6 anos de idade nas Rodas de Conversa. Juntas, chegamos às seguintes expectativas:

- Olhar para quem está falando.
- Olhar para a pessoa a quem você dirige a palavra.
- Esperar a sua vez de falar.

- Utilizar um tom de voz adequado para ser ouvido/ouvida por todos.
- Ouvir as outras pessoas participantes da roda.
- Valorizar a fala de todas as pessoas participantes da roda, considerando-a em sua própria fala.
- Estabelecer relações entre as falas: concordância, discordância, complementaridade, dúvida, questionamento.
- Expressar-se com clareza.
- Manter suas falas coerentes com o tema da roda.

Finalizamos o encontro entregando um texto para ser lido na próxima etapa do processo: *Salada de crianças: a roda de conversa como prática dialógica*, de Flávia Motta.

Nesse texto, a autora nos traz reflexões sobre as teorias de dois grandes pensadores sobre o sujeito e a linguagem: Vygotsky e Bakhtin. Costurando o pensamento dos dois autores, Motta, entre muitos pontos relevantes, ressalta a importância da linguagem como mediadora da construção do conhecimento e apresenta a subjetividade como uma construção dialética, explorando a ideia de que a constituição do sujeito só acontece quando se considera o outro no processo.

A leitura do texto foi feita de forma coletiva, entrecortada pela discussão dos pontos mais relevantes para o grupo e para o objetivo desse processo formativo. Destacamos, a seguir, alguns pontos de grande relevância que surgiram durante a leitura e discussão do texto:

- O sujeito se constitui nas interações sociais e, nelas, produz cultura. Na interação com o outro, um indivíduo constrói sua subjetividade.
- Na relação dialógica, um indivíduo constrói o outro e o outro o reconstitui.
- Interações sociais mediadas pela linguagem verbal pressupõem a fala, a escuta, a alternância, a interação, o ambiente e os aspectos culturais envolvidos; tudo isso faz uma relação ser dialógica e isso é promovido na Roda de Conversa.
- O ser humano se constitui na relação que estabelece com o outro; nessa relação, as dimensões cognitivas e afetivas não podem ser dissociadas. Interagindo, as crianças aprendem e se formam, criam e

transformam ao mesmo tempo, constituídas pela cultura e, ao mesmo tempo, produzindo-a.

A próxima etapa do processo de formação foi convidar as professoras a analisarem a sua própria prática pedagógica a partir das reflexões que o texto nos trouxe acerca da prática dialógica. Era o momento de, individualmente, olharem-se, analisando sua ação educadora como mediadoras de uma roda com base nessa perspectiva. Para isso, pensamos, juntas, em algumas perguntas que poderiam nortear essa análise: O que reconheço consolidado em minha ação? O que reconheço como ponto a aprimorar? Quais boas mediações faço e acho importante compartilhar com o meu grupo? Quais problemas detecto em minha roda? Qual o papel dos meus alunos na Roda de Conversa? E o meu papel? Para concretizar o processo de autoanálise, sugerimos que cada uma filmasse sua Roda de Conversa e, depois, assistisse a esse registro individualmente, refletindo a partir do roteiro de observação formado pelas questões.

Diante dessa proposta apresentada pela coordenação, algumas angústias surgiram por parte das professoras: *"Precisamos compartilhar com vocês essa gravação?"*, *"Alguém mais vai assistir?"*, *"Não gosto de me assistir!"*, *"O que vamos fazer com essa análise depois?"*, *"Precisaremos relatar aqui o que assistimos ou a análise será só nossa?"*.

Essas foram algumas das preocupações que, como coordenadoras, acolhemos. Com isso, enfatizamos que a proposta era de um momento individual, cujo vídeo não precisaria ser compartilhado conosco. A proposta era de uma análise e reflexão da própria professora, que, depois, alimentaria uma discussão do grupo para dialogarmos sobre a prática, trocarmos percepções e estratégias e, juntas, como equipe, construirmos, desconstruirmos e reconstruirmos a nossa ação como mediadoras de Roda de Conversa.

Uma das professoras compartilhou conosco a sua gravação, por iniciativa própria, e nos autorizou a transcrever parte dela para ilustrar esse processo. Chamaremos ela de P e as crianças de A1, A2 e, assim, sucessivamente.

P inicia a atividade contando para os alunos que farão uma Roda de Conversa e pergunta para as crianças se elas sabem qual é o objetivo dessa atividade.

A1 e A3 - Ué, é pra gente conversar!

P retoma a expectativa de postura para o momento.

P - O objetivo de uma roda de conversa é conversar! E para conversar, a gente precisa do quê?

A2 - Silêncio!

A1 - Falar.

P - Isso, a gente precisa falar. E o que mais? A4, você levantou a mão, você quer falar?

A4 acena com a cabeça e diz: Prestar atenção.

A5 - Presta atenção no que a professora está falando, na história.

A1 - Prestar atenção e ficar em silêncio quando o amigo está falando.

P - Isso mesmo, escutar os amigos em silêncio.

A4 - Não interromper enquanto a professora está falando.

P - Só a professora?

A2 - Não! Todo mundo!

A3 - Os amigos também!

A6 - E também as pessoas!

P - Quando a gente conversa com alguém no clube, em casa ou aqui na escola mesmo, é legal quando a gente está falando e alguém fica interrompendo?

As crianças respondem em coro: Não!

P - Por quê?

A7 - Porque atrapalha o amigo, né.

P - Eu sei que às vezes dá muita vontade de falar, porque a gente lembra de alguma coisa e às vezes a gente vai segurar e, puf, sai, mas a gente precisa segurar um pouquinho a vontade e esperar o amigo terminar de falar! Hoje nós vamos escutar a história desse livro (a professora mostra a capa do livro). Esse livro se chama O que você faz com um problema?

A1 - O que você faz com um problema?

P - É isso mesmo! O que você faz com um problema?

A2 - A gente pede ajuda!

A7 - A gente resolve!

P - O que mais a gente pode fazer?

A4 - Ajudar o amigo!

P - Quando o problema é com o amigo, podemos ajudá-lo. Gostei, A3, que você está levantando a mão para falar!

A3 - A gente vai tentar resolver!

P - Vocês conseguem me dar um exemplo de problema?

Silêncio.

A10 - Não!

A5 - Eu tenho um problema, estou sem espaço na roda e preciso de ajuda para ter um espaço!

A2 - Você pode pedir para o amigo ir um pouco mais para lá.

A8 - Um dia, minha bisavó colocou fogo na casa e a minha mãe chamou o bombeiro! Aconteceu há muito tempo, eu nem existia ainda, 'tava' na barriga da minha mãe e minha irmã me contou.

A9 - E onde vocês ficaram enquanto o bombeiro não chegava?

A8 - No quarto! O fogo 'tava' na cozinha.

A8 - Minha bisavó esqueceu o óleo no fogão e pegou tudo fogo!

A2 - Nossa!

A9 - Menos o seu quarto, né? Você falou que esperaram lá.

Após a professora analisar sua própria Roda de Conversa gravada e refletir a partir das perguntas, procurou-nos para compartilhar suas percepções.

"Percebo que meus alunos estão começando a entender qual postura devem ter em uma roda de conversa. A roda em si ainda é muito centrada em mim, e eu que vou puxando a conversa, ainda não tem um diálogo estabelecido entre eles. Me pergunto se minha mediação está sendo efetiva. Favorece o diálogo ou é muito focada na construção da postura do ouvinte, o que faz parte também desse processo? Me incomoda o pouco diálogo entre eles e tudo estar centralizado em mim."

Levamos esses questionamentos para nossa discussão coletiva, momento em que todas as professoras da equipe que tinham passado pelo mesmo processo tiveram a oportunidade de falar sobre as observações de sua própria prática, identificando pontos em comum e divergentes da reflexão de P. Entre os pontos em comum, destacamos a seguir aqueles mais relevantes para o grupo, juntamente com a reflexão feita e a proposta de novas estratégias:

- Quantidade de crianças na atividade para que todos tenham a possibilidade de participar.

Em uma turma de 25 crianças, dividir o grupo se faz necessário para favorecer a aprendizagem. Se o nosso objetivo é ensinar crianças de 5 anos a conversar, essa divisão favorece o diálogo e a escuta, uma vez que crianças dessa faixa etária se distraem com facilidade e, mesmo engajadas no assunto, têm um tempo curto de atenção sustentada. A espera para falar também se mostrou uma questão para elas e, quando chegava a sua vez, a fala já não fazia mais sentido no contexto da conversa ou ela já havia esquecido o que ia dizer. Com base nessas observações, as professoras decidiram que dividir o grupo nesse momento seria essencial para a roda conversa acontecer de maneira efetiva.

- O interesse das crianças, em determinadas situações, diminui ao longo da roda.

As professoras relataram que as crianças, mesmo divididas em dois grupos, começavam a atividade atentas e engajadas na conversa, muitas queriam contribuir dando suas opiniões, contando suas histórias ou comentando a fala do colega. Em determinado momento, começavam a se movimentar mais, distrair-se com algo à sua volta e, conseqüentemente, perder o engajamento. Começamos então a levantar algumas possibilidades: Será que o assunto se findava muito rápido e precisávamos ajustar o planejamento? A duração da roda estava muito longa? A mediação da professora se perdia ao longo do percurso?

Discutindo em equipe e analisando os relatos de cada roda, percebemos que existiam diferentes variáveis para essa constatação e concluímos que o mais importante era que, ao perceber que a conversa estava se findando, a professora mediadora conduzisse para o encerramento da conversa, mesmo que não tivesse cumprido a discussão de todas as questões planejadas.

- É necessário realmente só ouvir quem levanta a mão? Isso não é representativo de uma conversa real. Como alternar os turnos de fala para que não falem todos ao mesmo tempo?

Por se tratar de crianças de 5 e 6 anos, alternar os turnos de fala é desafiador, uma vez que estão desenvolvendo mecanismos de autorregulação, o que é um processo longo. Nesse momento do desenvolvimento, ainda dependem

muito do adulto mediador, que vai auxiliá-las a construir suas próprias ferramentas para essa gestão. Chegamos à conclusão de que, com o passar do tempo e a prática da Roda de Conversa já muito vivida e experimentada pelos alunos, a professora mediadora pode, gradualmente, sair de cena em alguns momentos, passando a gestão das falas para as próprias crianças, mas permanecendo ali para ajudar a alinhar essa conversa, desatar os nós e tecer novas linhas.

- Como o professor, por meio da mediação, ajuda as crianças a desenvolverem autorregulação, cooperação e a coordenação de perspectivas?

Um ponto em comum em todas as reflexões foi a importância da qualidade da mediação da professora para a construção de uma Roda de Conversa efetivamente dialógica. O quanto a costura que ela faz, por meio de perguntas, questionamentos e problematizações a partir das falas das próprias crianças, favorece o diálogo entre elas ou centraliza em sua figura a conversa, tornando a roda apenas uma sequência de perguntas e respostas, mas não efetivamente uma conversa.

Esse foi um dos pontos cruciais do nosso percurso: ajudar as professoras a refletirem sobre sua postura mediadora, tendo a clareza dos objetivos de uma Roda de Conversa, e auxiliá-las a ampliar suas ferramentas pedagógicas pautadas no estudo teórico, na prática reflexiva, na construção coletiva de novos saberes e na troca de experiências e estratégias.

Para atingirmos todos esses objetivos, repertoriando ainda mais a equipe, concluímos ser importante para as professoras passar pelo mesmo processo que as crianças passam e vivenciar, por outra perspectiva, essa experiência. Para isso, a etapa seguinte foi convidá-las a participar de uma Roda de Conversa mediada por uma de nós. Luciana assumiu o papel de mediadora dessa Roda de Conversa e as professoras puderam colocar-se no lugar de participantes da atividade e, ao mesmo tempo, observar a mediação que estava sendo feita.

Após a vivência, voltamos a discutir em grupo a partir de algumas perguntas. Abaixo, relatamos quais foram elas e as principais conclusões a que o grupo chegou.

- A roda vivenciada pode ser classificada como uma Roda de Conversa? Por quê?

Para que possamos classificar uma roda como Roda de Conversa, é preciso ter intencionalmente o objetivo de proporcionar o diálogo. É necessário que os participantes interajam por meio de suas ideias e não apenas se dirijam ao mediador. É preciso utilizar ferramentas de linguagem que propiciem relacionar as falas, e isso se ensina. É intencional e possível ensinar os alunos a expor relações de concordância, discordância, complementaridade, entre outras.

- Quais práticas da mediadora você identificou como práticas de um mediador de roda de conversa que podem ser generalizadas para qualquer situação?

É importante escolher um disparador que propicie o diálogo, seja ele um livro, uma imagem, uma música ou qualquer outra situação. O mediador precisa estar preparado, tendo um roteiro de perguntas que gerem discussão. Porém, é imprescindível sua total atenção ao que está sendo dito pelos participantes da roda, pois é a partir dessas falas que ele pensará em novas perguntas e caminhos que não estavam previstos no roteiro, mas que deverão ser aproveitados, se pertinentes ao tema. Não é preciso cumprir todo o planejamento de perguntas. Também concluímos que é organizador quando o mediador antecipa pontos de condução, como quando anuncia que vai ouvir apenas algum participante e, em seguida, trará uma nova pergunta. A antecipação acalma a ansiedade dos alunos e minimiza as frustrações.

- Como participante de uma Roda de Conversa, você viveu quais sentimentos que imagina que seus alunos também vivam?

Ansiedade para falar, vontade de interromper o colega para não perder o momento ideal, frustração por não ter sido chamada, tranquilidade de ver que há outras pessoas com pensamentos semelhantes, curiosidade ao perceber que alguém apresenta um ponto de vista ou uma ideia muito diferente da sua...

- O tema escolhido foi um bom tema para uma Roda de Conversa? Por quê?

Essa foi uma das discussões mais importantes que tivemos ao longo de todo processo formativo. Se entendemos a Roda de Conversa como um momento dialógico, em que se ensina a, efetivamente, dialogar, é necessário que os temas

escolhidos para esses momentos sejam temas que propiciem a conversa. Quando uma roda tem como objetivo uma construção coletiva comum, a resolução específica de um problema ou a conclusão sobre determinado tema, ela não favorece o diálogo, pois não acolhe as discordâncias. Por exemplo, em uma roda da área de Ciências da Natureza, os alunos discutiam sobre a seguinte questão: se soltarmos dois carrinhos iguais do alto de duas rampas feitas do mesmo material, uma mais inclinada que a outra, qual dos carrinhos irá mais longe? Numa situação como essa, a intenção da professora é que, por meio de experiências e observações, todos cheguem à mesma conclusão de que o carrinho da rampa mais inclinada percorre uma distância maior. Nesse caso, temos uma discussão coletiva importante e muitas questões da linguagem também estão sendo trabalhadas intencionalmente. Porém, se entendemos a conversa como a situação que propicia concordâncias e discordâncias, ideias iguais e diferentes, possibilidade de mudança de ideia ou de não chegar a nenhuma conclusão, uma discussão que tenha como objetivo que todos cheguem à mesma conclusão, pois, cientificamente, não há outro caminho possível, não é caracterizada como aquilo que estamos chamando de Roda de Conversa. Sendo assim, para que seja uma Roda de Conversa, é preciso que o tema discutido não tenha uma única resposta, um único caminho, uma única conclusão.

4. UMA NOVA RODA DE CONVERSA

Após viver esse processo reflexivo com a equipe de professoras, acordamos com elas que o próximo passo seria assistirmos a uma Roda de Conversa de cada uma. Sugerimos que elas também gravassem a aula que observaríamos para assistirem antes de discutirmos os pontos observados. Como estávamos trabalhando os sentimentos em nosso currículo socioemocional, acordamos que esse seria o tema a ser trabalhado.

Cada uma delas teve tempo para planejar a sua aula, escolher o disparador e pensar nas perguntas norteadoras com antecedência. Nesse momento, optamos apenas por ler o planejamento, sem intervir nele. Foi interessante observar que cada uma escolheu um sentimento diferente para trabalhar com os alunos, assim como foram variados os disparadores. P1 e P3 optaram por trazer como disparador um livro, P2 escolheu uma imagem e P4, um trecho de um filme.

Para ilustrar esse momento, escolhemos continuar compartilhando um trecho da roda de conversa da P1, que novamente nos autorizou a compartilhar o seu processo. Sua escolha foi ler o livro "Por que choramos?", escrito e ilustrado por Fran Pintadera e Ana Sender, publicado pela WMF.

Após dividir a turma de 25 alunos em dois grupos, ela convidou o grupo 1 para seguir com ela para a biblioteca central da escola. Chegando lá, o espaço estava organizado com pufes individuais dispostos lado a lado, formando uma roda. Cada aluno se acomodou em um deles e P1 começou a fazer a leitura do livro. Ao finalizá-lo, ela perguntou para as crianças:

P1 - "Vocês costumam chorar?"

A1 - "Eu choro sempre que estou triste."

A2 - "Eu também choro!"

A3 - Eu gosto de chorar.

P1 - Você gosta de chorar? Me conta por quê.

A3 - Quando eu choro, a minha tristeza passa.

P1 - Alguém mais chora para passar a tristeza?

A4 - Eu choro igual a A2! Outro dia, um amigo me bateu e eu chorei.

P1 - Então você também chora quando está triste?

A5 - Ela também chora de raiva!

P1 - Será que ela também chora de raiva? Que tal você perguntar para ela?

A5 - Você chora de raiva?

A4 - Choro! Mas naquele dia eu 'tava' triste

A7 - Quando minha mãe não me dá o ipad, eu choro!

A8 - Eu também choro alto!

P1 - Acho que todos choram por aqui! Eu também choro.

A2 e A9 - Você também chora?

A6 - Adultos não choram!

P1 - Todos concordam que adultos não choram?

A3 - Minha mãe chora!

A5 - Minha mãe outro dia chorou de tanto rir.

A8 - Minha mãe fez até xixi de tanto rir.

A7 - Sua mãe faz xixi na calça?

Todas as crianças caem na risada.

A8 - Ué, foi só um pouquinho!

P1 - Vocês estão me dizendo que choramos de alegria, de raiva, de tristeza.

Existe mais algum sentimento que nos faz chorar?

A8 - Minha mãe também chorou quando ouviu uma música que ela gosta.

P1 - E por que vocês acham que ela chorou ao ouvir a música?

A2 - De alegria!

A3 - Não!

P1 - Você não concorda com a A2?

A3 - Ela chorou porque a música era triste!

A10 - Quando eu escuto música, quero dançar. Assim oh - ele se levanta do pufe e começa a mexer o corpo.

Todas as crianças começam a rir.

P1 - Será que A8 sabe por que a mãe dele chorou com aquela música?

A3 - Ele sabe?

P1 - Que tal você olhar para ele e perguntar?

A3 - Por que sua mãe chorou?

A7 - A minha é chorona! (A7 fala sem levantar a mão)

A8 - Meu pai falou que ela estava emocionada.

P1 - Ah! Eu já chorei de emoção

A1 - Professora, minha mãe é corajosa, ela não chora.

A roda se estendeu por mais um tempo. Observando a condução da professora, suas intervenções e o engajamento das crianças, percebemos o quanto ela havia crescido nesse processo de mediação. O ponto chave desse crescimento foi a qualificação das perguntas mediadoras, que, ao mesmo tempo, propunham procedimentos e comportamentos de conversa que são ensinados e aprendidos na roda, como “*Que tal você olhar para ele e perguntar?*”, e estabeleciam conexões entre as falas, proporcionando uma verdadeira roda de conversa dialógica. Na primeira roda, P1 se via como centralizadora da fala; já nesta segunda, tanto ela quanto nós percebemos a maior valorização do papel dos alunos na conversa.

Um ponto que P1 traz como desafio, após esse processo formativo, é limitar o número de crianças a falar, mesmo percebendo a importância dessa ação. Ela relata que, em alguns momentos, a espera alongada da criança por esse momento faz o diálogo se perder, uma vez que os alunos dessa idade ainda são muito autocentrados e guardam o que querem falar. Ou seja, mesmo que a conversa mude de assunto, ao serem chamados, eles retornam ao ponto em que levantaram a mão. Nessa espera, é comum perderem o tempo de contribuição ou questionamento. Pontuar os próximos a serem ouvidos ajuda na costura da conversa, no engajamento dos alunos e a lidar com a ansiedade da espera e a frustração de não falar.

5. CONQUISTAS

A etapa final do processo formativo com a equipe de professoras foi a reflexão sobre os principais pontos de conquista que elas e nós observamos.

A primeira reflexão foi sobre o próprio processo. A oportunidade de observar-se em ação e de analisar e modificar práticas a partir disso passou a fazer parte do trabalho das professoras, mesmo sem o convite da coordenação para que isso aconteça. A prática de se filmar, assistir, refletir e modificar foi incorporada no processo de cada uma, com mais ou menos frequência, mas deixando claro o quanto foi um momento significativo em suas práticas profissionais.

Em relação ao papel das professoras nas rodas de conversa, houve um percurso da centralização para a mediação. Se antes elas se viam como centralizadoras da prática, como aquelas que comandavam e validavam a atividade, aquelas a quem as crianças se dirigiam, passaram a colocar-se no papel de mediadoras, compreendendo que ele se caracteriza por proporcionar situações em que a aprendizagem aconteça, ajudando no caminho intencionalmente traçado, mas deixando que os sujeitos da aprendizagem sejam os alunos e que a conversa ocorra, principalmente, entre eles. Isso enfatiza, também, a mudança no papel do aluno na roda, e não apenas no papel da professora.

Ao longo desta escrita, deixamos claro que as expectativas de aprendizagem das rodas de conversa também estão relacionadas aos comportamentos de fala. E aqui mora a observação das professoras sobre uma grande conquista dos alunos: esses comportamentos foram transferidos para outros momentos do dia a dia das crianças e ultrapassaram os limites das rodas.

Como último ponto, ressaltamos a compreensão, por parte da equipe, da importância dos momentos de Roda de Conversa não só para o desenvolvimento da linguagem e para as práticas do falante, mas, essencialmente, para sua formação política. Apropriar-se de práticas de linguagem, compreender a escuta como atitude ideológica, valorizar a discordância de ideias para o processo de desenvolvimento do pensamento crítico são alguns dos fundamentos para a escolha curricular dessa atividade.

6. DAQUI PRA FRENTE...

*"Nenhum homem pode banhar-se duas vezes no mesmo rio...
pois na segunda vez o rio já não é o mesmo,
nem tão pouco o homem!"
Heráclito de Éfeso*

Acompanhar o processo formativo da nossa equipe nos faz refletir sobre o quão rico ele é para todas, professoras e coordenadoras, que aprendem juntas e vão se constituindo nessa relação de troca. Se nós, formadoras, provocamos o movimento das profissionais em busca do conhecimento de sua prática pedagógica e qualificação do seu percurso, elas também nos convidam ao movimento e, nesse processo, ambas as partes se constituem e reconstituem como educadoras.

Todo processo formativo exige uma continuidade, seja para revisitar a própria prática, ampliando ainda mais o olhar, seja para colaborar com a formação dos novos integrantes da equipe, uma vez que, de tempos em tempos, é comum haver a mudança de algum profissional. A formação não se finda em um único ciclo, todo processo formativo é contínuo e cada indivíduo responde de uma maneira a ele. Neste exato momento, estamos em um novo processo formativo, com uma nova equipe, refletindo sobre nossas próprias conquistas e modificando práticas.

Concluimos essa etapa com muitas conquistas individuais e em equipe. Observamos também que alguns pontos ainda são focos de atenção e planejamos futuras ações para que se solidifiquem em nossa prática com a roda de conversa. São pontos ainda questionados pela equipe:

- Levantar a mão x alternar turnos de fala.
- Quando finalizar a roda de conversa.

Constatando isso, optamos por esperar que as novas aprendizagens se acomodassem, dando um tempo para que todos vivenciassem as novas práticas, mantendo-se atentos aos pontos sensíveis, pesquisando possibilidades e estratégias e, posteriormente, travando novas discussões em equipe.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALESSI, Viviane Maria. Rodas de conversa: uma análise das vozes infantis na perspectiva do círculo de Bakhtin. Curitiba: Editora UFPR, 2014.

AUGUSTO, Silvana de Oliveira. A linguagem oral e as crianças: possibilidades de trabalho na educação infantil. Caderno de formação: didática dos conteúdos de formação de professores. Universidade Estadual Paulista. Pró-Reitoria de Graduação. UNIVESP, São Paulo: Cultura Acadêmica, 2011, v. 1.

BAJOUR, Cecília. Ouvir nas entrelinhas: O valor da escuta nas práticas de leitura. São Paulo: Editora Pulo do Gato, 2012.

BAKHTIN, M.M./ V.N.Voloshinov. A interação verbal. In: _____. Marxismo e filosofia da linguagem. Trad. Michel Lahud e Yara Frateschi Veira. 10. ed. São Paulo, Hucitec, 2002.

FREIRE, M. O sentido dramático da aprendizagem. in.: GROSSI, E. P; BORDIN, J. (org.). Paixão de aprender. Petrópolis: Vozes, 1996.

FREIRE, P. Pedagogia do oprimido. 49. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2010.

MOTTA, Flávia. Salada de crianças: a roda de conversa como prática dialógica. In: IX CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO e III ENCONTRO SUL BRASILEIRO DE PSICOPEDAGOGIA. 2009, PUCPR.

PERRONI, Maria Cecília. Desenvolvimento do discurso narrativo. São Paulo: Martins Fontes, 1992.